

A pejeja da ilusão contra a realidade espiritual nos trabalhos do CHIED alagoano*

Wagner Lins Lira

*O artigo representa o quinto capítulo de minha dissertação intitulada “Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2009, onde tive a oportunidade de investigar dois grupos ayahuasqueiros dissidentes: a Associação Espiritualista União do Vegetal (AEUDV) localizada no município de Riacho das Almas no estado de Pernambuco e o Centro de Harmonização Interior Essência Divina (CHIED) situado no distrito de Riacho Doce, Alagoas. O direcionamento dessa comunicação está relacionado aos fenômenos espirituais emergentes no núcleo alagoano representado pelo mestre André Luiz. A sede geral do Essência Divina situa-se em Brasília (DF), sendo liderada pelo mestre Vinícius, filho do mestre Francisco, o fundador da linha da unificação. Agradeço aos amigos do Essência Divina pela hospitalidade e colaboração durante a pesquisa de campo. Agradeço também ao meu orientador, professor doutor Eduardo Duarte pela força e dedicação durante nossa pesquisa. Os homens passam, ficam suas idéias.

RESUMO: Neste artigo acompanharemos os fenômenos espirituais emergentes nas sessões ou trabalhos com o chá ayahuasca no Centro de Harmonização Interior Essência Divina, irmandade ayahuasqueira cuja sede situa-se no distrito de Riacho Doce, estado de Alagoas. Esse núcleo específico denominado Alto da Paz, Chã do Cruzeiro é um dos representantes da linha da unificação, estabelecida por Francisco Sousa de Almeida e que une os elementos simbólicos daimistas e udevistas no mesmo processo mítico e ritual. Veremos a interação destes e de outros sistemas simbólicos nos trabalhos dessa irmandade, a partir da análise descritiva dos ritos e da interpretação dos adeptos quanto aos fenômenos comuns ao uso ritual dessa bebida psicoativa xamânica, que em nosso caso particular, é administrada seguindo os princípios da linha da unificação.

Palavras-chave: Ayahuasca, Chá, Espiritualidade, Linha da Unificação, Essência Divina.

O trabalho espiritual

A noção de trabalho espiritual é bastante comum entre àqueles que comungam ritualmente a ayahuasca¹. Tanto os xamãs e

1 Ayahuasca é uma palavra de origem quéchua e significa liana dos espíritos, cipó das almas, vinho dos mortos. Refere-se ao chá feito com o cipó da planta Malphigiaceae, o marirí, (*Banisteriopsis caapi*) junto com as folhas de outro vegetal, a Rubiaceae chacrona do gênero *Psychotria*, particularmente a *Psychotria viridis*. O uso desta infusão surgiu entre os antigos povos andinos amazônicos onde a bebida aparece associada à criação e transformação do mundo, do homem e dos demais seres, servindo também de elo e comunicação com os mortos e os espíritos. No

vegetalistas peruanos quanto os adeptos das religiões ayahuasqueiras brasileiras costumam denominar de trabalho as atividades que realizam durante o uso dessa bebida. De acordo com Sandra Lúcia Goulart (2004, p.14) a expressão trabalho também é bastante comum nas narrativas dos fieis das religiões afro-brasileiras como, por exemplo, a Umbanda. Nesse sentido, os trabalhos seriam as oferendas cerimoniais feitas às divindades. Na Umbanda, essa atividade ritualística também é denominada despacho².

Brasil a ayahuasca é consumida ritualmente nos cultos das três principais religiões ayahuasqueiras brasileiras; o Santo Daime (CICLU-Alto Santo e CEFLURIS), a Barquinha (Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz) e a União do Vegetal (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal), assim como suas dissidências e dissipações. Nesse artigo, veremos como os sistemas simbólicos dessas tradições xamânicas são readaptados e reconfigurados mediante o surgimento de um novo grupo ayahuasqueiro, o CHIED, cuja proposta ideológica pretende unir tradições e doutrinas, tirando proveito dos seus ensinamentos.

2 Os daimistas usam a expressão despacho quando se referem ao ato de servir o Santo Daime.

Nos sistemas guiados pela linha daimista³, além de corriqueira, a denominação trabalho assume um caráter primordial no desenvolvimento dessa doutrina, cujos adeptos costumam seguir à risca suas prescrições. O homem do Daime é um homem simples e trabalhador, ciente de seus compromissos e obrigações, pois sua situação de daimista lhe favorece tal reflexão.

Para Edward MacRae (1992, p.70), o mundo, para o daimista, é influenciado e guiado por espíritos em distintos estágios da evolução espiritual. Os seres humanos possuem um Eu Inferior e um Eu Superior. O Eu Inferior seria o corpo físico, material e por isso limitado e passageiro. O corpo

3 A linha daimista representa todos os núcleos e igrejas derivados da matriz ayahuasqueira daimista fundada por Raimundo Irineu Serra. Monteiro da Silva (1983, p. 94) e Goulart (2004, p. 81) afirmam que a noção de linha é amplamente divulgada entre os pesquisadores do tema ayahuasqueira, no intuito analítico de demarcação e recorte dos seus objetos de estudo. A noção de linha também é adotada epistemologicamente, por ser comumente presente nas narrativas dos fiéis dessas instituições religiosas, quando se referem ao conjunto de grupos e centros específicos, sejam eles pertencentes à linha daimista, linha da barquinha ou linha udevista.

também é chamado de aparelho que, para o daimista, serve para cumprir a sua missão nesse plano terrestre que seria, justamente, o aperfeiçoamento de sua outra metade. Além do aparelho, os humanos compartilham do Eu Superior, sua porção divina. Adormecida em seu cotidiano, mas desperta durante os efeitos do enteógeno⁴. Um trabalho espiritual com o Daime, seria a oportunidade única na qual esses duplos se comunicam, se aperfeiçoam e se identificam por intermédio das mirações⁵.

A visita ao Astral Superior, plano espiritual ou mundo dos espíritos é atuante nos sistemas daimistas. Esse contato permite aos adeptos, por intermédio dos estados ampliados da consciência⁶, uma reformulação diária de

4 A palavra enteógeno é de origem grega e significa; “Deus dentro de si”, ou seja, o neologismo de tal denominação refere-se a qualquer elemento da natureza que desperte ou leve a divindade para dentro dos sujeitos (Labate; Goulart; Carneiro, 2005).

5 Para os daimistas, a miração é o mais perfeito estágio da experiência. É quando se entra em contato com a realidade divina.

6 Os enteógenos proporcionam estados ampliados de consciência, que permitem aos adeptos do xamanismo estabelecer relações com o mundo espiritual e que auxiliam

suas ações e pensamentos em prol dos ensinamentos obtidos durante sua estadia no plano espiritual. Esses soldados do astral costumam ser obedientes a partir do momento em que assumem um lugar nesse exército de poder. Obediência, firmeza e concentração são o que pedem as letras dos seus hinos cantados e bailados⁷, visto que, tais exigências são delegadas à bebida que, para esses religiosos, possui vida, sacralidade e vontade própria.

Couto (2002, pp.390–391) afirma que o contato com o Santo Daime desencadeia um processo de transformação nos daimistas, conferindo ao chá o *status* de sagrado. Isso devido às suas potências invisíveis e culturais.

na continuidade da vida material, em prol da manutenção do equilíbrio entre os diversos planos da existência. Para tal, a consciência é expandida ritualmente, ampliando-se o campo da percepção cotidiana a partir do rompimento momentâneo com os limites de uma realidade comum, dominante e paralela aos eventos espirituais vivenciados em cada ritual (Lira, 2009, pp.19–20).

⁷ Veremos mais adiante, que é comum entre as esferas ayahuasqueiras o ato de cantar para o divino. Isso acontece nos sistemas udevistas cujos adeptos entoam, durante os rituais, alguns cânticos sagrados conhecidos por chamadas, e também nos sistemas daimistas, que compartilham de hinos sagrados e de um tipo de dança circular, o bailado.

Para este autor, a relação com o sagrado, nesse caso, seria representada por uma relação de poder estabelecida entre o comando e a obediência. Comando das entidades e sensações provocadas pela ingestão da bebida, e obediência daqueles que a comungam, pois os mesmos passam a ser guiados por tais entidades que encontram no Daime uma maneira de se manifestar.

O soldado desse exército não se deixa influenciar pelos espíritos inferiores que porventura queiram atentar contra sua firmeza. Sua principal fortaleza é o aparelho que precisa está protegido e preparado para os trabalhos que, normalmente, costumam ser bastante cansativos, mesmo quando o daimista encontra-se em repouso e relaxado durante as sessões de concentração⁸. Segundo Macrae (1992, pp.97-98), o

8 Os rituais daimistas variam de acordo com o calendário da doutrina, que foi montado a partir das datas comemorativas aos santos cristãos. São trabalhos de cura, concentração e ou bailados, além das missas e feitos. Os principais rituais daimistas consistem no canto, no bailado e na concentração após a ingestão do chá, momento em que os participantes ficam em silêncio, meditando sob o efeito visionário propiciado pela beberagem.

trabalho daimista pode ser interpretado como uma atividade psíquica intensa e exaustiva na qual os participantes realizam inúmeras atividades no plano astral.

Portanto, o trabalho daimista aplica-se ao mesmo tempo ao corpo e ao pensamento (Cemin, 2002, p.348). O suporte do espírito é o corpo, então para que se realize um trabalho espiritual é necessário, na concepção daimista, que o aparelho esteja preparado para realizar as atividades rituais consideradas leves e ou pesadas. É preciso exercitar o aparelho para que o mesmo possa agüentar com firmeza as batalhas de um trabalho espiritual.

Em minha dissertação de mestrado, mostrei a partir da análise das teorias de Norman Zinberg (1984) e Edward MacRae (2004), que a concentração e a firmeza exigidas para a realização dos trabalhos espirituais nos sistemas udevistas⁹ parecem vir de acordo com o tempo, devido à continuidade das

9 Considero como sistema udevista todo grupo derivado da linha doutrinária estabelecida pelo mestre José Gabriel da Costa, o fundador do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

experiências do adepto com o Vegetal¹⁰ (Lira, 2009, pp.97-137). Assim também ocorre nos sistemas daimistas, a partir do momento em que o homem domestica o êxtase, por meio dos rituais e sansões sociais, e o êxtase domestica o homem, por intermédio das sensações e reflexões visionárias que o fazem reavaliar o seu jeito de ser no mundo.

Durante esse processo de interação entre o plano material e o espiritual, os ayahuasqueiros¹¹ também passam por uma série de testes impostos pelo chá professor. Testes que reformulam atos e conceitos, pois os mesmos passam a ser reavaliados rotineiramente a partir da frequência do indivíduo nos trabalhos com a bebida. Testes que fazem interagir corpo e mente durante o trabalho espiritual.

Em relação aos sistemas guiados pela linha udevista, Gabriela Ricciardi (2008, p.47) nos mostra a existência de duas

10 O chá ayahuasca, nos sistemas udevistas, é denominado Vegetal.

11 Todo indivíduo, que tem como referencial simbólico e religioso o uso ritual da bebida xamânica ayahuasca pode ser considerado um ayahuasqueiro.

forças poderosas que costumam duelar entre si ao longo da vida dos hoasqueiros¹². Para esses religiosos, a força negativa e a força positiva são interpretadas como dois pólos opostos cujas ações distintas e concorrentes agem no intuito de atrair e sintonizar os espíritos ao seu favor. Cabe ao udevista canalizar e sintonizar suas atitudes e pensamentos na vibração positiva desse duelo, no intuito de ser merecedor e receber coisas positivas ao longo de sua vida.

O trabalho espiritual, nesse sistema de crenças específico, gira em torno dessa sintonia, ou seja, do abandono de certas práticas consideradas inferiores ou não condizentes à estação positiva desse duelo entre forças opostas. *“Os vícios sejam eles materiais ou de comportamento são considerados atributos da força negativa, daí a necessidade de se limpar das impurezas de qualquer natureza, material ou espiritual”* (Ricciardi, 2008, p.47). Para participar do

12 Os hoasqueiros são todos udevistas guiados pela sabedoria de Hoasca, importante personagem da cosmologia dessa tradição. Maiores detalhes sobre o mito fundante da doutrina; “a História da Hoasca” consultar: Goulart (2004), Andrade (2005) e Lira (2009).

trabalho espiritual, a mente e o corpo precisam estar livres dessas más influências.

Os ayahuasqueiros do CHIED alagoano também acreditam que a união dessas folhas com esses cipós é o que dá a sabedoria e o discernimento necessários para que os mesmos aprendam a viver no mundo cotidiano, interpretado, nesse caso, como o mundo da ilusão. Tomando ayahuasca, eles acreditam que a pessoa abandona momentaneamente a ilusão do dia-a-dia, como, por exemplo, falsos amigos, dinheiro fácil, bens supérfluos, veículos, bebidas e demais excessos materiais, passando a refletir sobre a sua situação no mundo.

Nos encantos do chá, é comum aos humanos reconhecerem o princípio de sua falibilidade a partir, por exemplo, da aceitação da morte¹³. Mirações e burracheiras¹⁴ mostram

13 Para os ayahuasqueiros em geral, o chá ajuda o homem a não temer a hora de sua morte. Segundo os xamãs o efeito da ayahuasca assemelha-se ao estado de falecimento. A ingestão da bebida é considerada fundamental na preparação do indivíduo para a morte e está diretamente ligada ao destino pós-morte. Nas esferas ayahuasqueiras brasileiras persiste a idéia xamânica de que a bebida prepara o indivíduo para o destino pós-morte. Assim sendo, uma pessoa que nunca entrou em contato com o enteógeno,

a realidade dos espíritos, fazendo-os recordar de onde vieram, porque existem e para onde vão. Essa verdade teria sido camuflada pela ilusão cultural capitalista, e quando toma ayahuasca, o ser liberta-se desses miméticos grilhões ilusórios, passa a ter contato com a realidade espiritual e é levado pelos encantos, no intuito de recordar cada vez mais a origem de sua alma, renovando suas forças para nunca esquecer de que tem um espírito, uma pequena parte de Deus dentro de si.

O trabalho espiritual, para os freqüentadores do CHIED, não se restringe apenas aos momentos rituais. Ele acompanha o cotidiano dos adeptos que assumem uma postura de alerta mediante a eterna batalha entre as forças da ilusão contra às da realidade espiritual. Algumas substâncias, entre elas o álcool, o tabaco e demais drogas são encaradas como possuidoras de uma carga energética oposta e concorrente à atuação da

quando desencarnar, teoricamente enfrentará alguns problemas, principalmente relativos à adaptação ao plano espiritual. Maiores detalhes consultar; Lira (2009, pp. 109-115).

14 O êxtase místico promovido pela ingestão da ayahuasca nos sistemas udevistas é denominado burracheira.

ayahuasca. Esses ayahuasqueiros afirmam que tais substâncias são instrumentos da força do mal, da força da ilusão que os remetem à realidade ilusória da sociedade capitalista. Os vícios são encarados como instrumentos dessa ilusão, que trabalha contra o desprendimento material e, conseqüentemente, contra a percepção da realidade do espírito.

Então os vícios atrapalhariam a evolução espiritual do ser. Os interlocutores afirmam que quando a força do mal; a força da ilusão percebe que está perdendo um dos seus dominados para a força da realidade espiritual, ela não se contenta. As oportunidades passam a surgir e o ayahuasqueiro precisa analisar com cautela essas ocasiões, na luta do eterno resistir. Eles acreditam que a força do Vegetal atua por meio da verdade espiritual, da realidade da alma e da sabedoria da natureza divina vivenciadas em cada sessão ou trabalhos nos quais os adeptos renovam suas crenças e energias, para poder seguir com suas vidas na grande ilusão, chamada sociedade. Um corpo preparado é um corpo limpo, ou seja, livre das más influências estampadas nos

vícios, preconceitos, fraqueza, ódio, rancor e demais atitudes não compatíveis à realidade espiritual.

Mary Douglas (1976, pp.13-14) acredita que as concepções culturais e religiosas sobre poluição, impureza, limpeza e higiene são condizentes à visão geral da ordem social na qual estão inseridas. Segundo a autora, as leis de pureza e perigo estão presentes nos sistemas de crenças mágico-religiosas no intuito de reforçar o código moral de uma sociedade específica. Dessa forma, “*o universo todo é arreado aos esforços dos homens, no sentido de forçar o outro a uma boa cidadania. Logo, achamos que certos valores morais são mantidos e certas regras sociais são definidas por crenças*” (idem).

No caso ayahuasqueiro não é diferente. Em relação à atribuição dos vícios como impuros, possuidores de cargas negativas, imorais, danosos ou até mesmo veículos aliados às forças da ilusão podemos ver claramente o reforço de alguns valores morais atuantes e presentes nas cosmologias desses sistemas de crenças. Observando as distintas interpretações entre àqueles que utilizam

ritualmente a ayahuasca, percebemos um comum acordo ao notarmos, por exemplo, que os ayahuasqueiros incorporam, em suas cosmologias, elementos que se adéquam aos padrões e interditos sociais vigentes.

Reichel-Dolmatoff (1968, pp.88-94), ao estudar o simbolismo ayahuasqueiro entre os índios Tukano na Amazônia, chega à conclusão de que o uso do enteógeno é um forte instrumento de poder na mão do xamã, pois o mesmo assume o papel de “controlar” o grupo, a partir da reprodução dos valores e crenças socialmente sancionados durante os trabalhos com a bebida. O uso da ayahuasca, segundo esse autor, atenderia a dois propósitos fundamentais: o primeiro estaria relacionado às visões mitológicas e imagens vivenciadas pelos participantes, e que confirmam as crenças vigentes num grupo específico, assim como a origem de suas instituições religiosas e sociais. O segundo propósito estaria diretamente relacionado aos estímulos ambientais, que envolvem o ritual, assim como músicas, incensos, vozes, ruídos, histórias, narrativa dos participantes, entre tantos outros.

O objetivo dessa atmosfera ritual é induzir os sujeitos a múltiplos estados de consciência, que automaticamente levam à introjeção das normas de comportamento social e individual. No caso dos vícios, devemos lembrar que a realidade social brasileira assume uma política proibicionista em relação ao consumo de determinados entorpecentes ilegais, enquanto outros, considerados “legais” (álcool e tabaco) são tratados por meio de propagandas “educativas” como as do tipo: “*fumar causa câncer*” ou “*se for dirigir não beba*”. O “perigo” diante do consumo dessas substâncias, também é reforçado nestes sistemas de crenças, que surgem como possibilidades de lidar com o suposto malefício provocado pelas mesmas.

A ayahuasca e as doutrinas que surgiram a partir de seu uso atuam, na verdade, como eficientes mecanismos norteadores diante da redução de danos causados por vícios e demais doenças que tenham neles suas origens. Os fieis encaram cada trabalho com seriedade e sobriedade necessárias para louvar as divindades. Dessa forma, criam-se

estratégias no combate aos males da sociedade como o alcoolismo e o tabagismo, por exemplo. Os ayahuasqueiros do CHIED costumam manter-se alerta, procurando não deixar-se ludibriar pelas armas das forças da ilusão, pois uma vez esclarecida, eles afirmam que a realidade espiritual jamais será esquecida. As forças da ilusão perdem território, cada vez que um ritual acontece. Elas tentam puxar o adepto para o seu lado. Por isso, têm muitos que saem no meio do trabalho para fumar, para simplesmente sair do espaço ritual ou conversar coisas fora do contexto. Para esses ayahuasqueiros isso enfraquece o trabalho e as forças da realidade ficam defasadas.

Quando isso acontece, o esforço diante da concentração e da firmeza sob o efeito do Vegetal é redobrado. Qualquer interferência durante a sessão permite a generalização de distúrbios que tendem a se espalhar pela corrente. No fim de cada trabalho as forças da realidade espiritual costumam vencer às da ilusão, todavia é conveniente salientar que os participantes da sessão influenciam diretamente nessa dinâmica ritual. A experiência exige um

preparo individual para o bom andamento do rito, mesmo porque para domesticar o êxtase é preciso ser domesticado por ele.

No CHIED alagoano, os maus pensamentos que surgem durante o trabalho, as más visões, o medo da morte e demais inseguranças passageiras, segundo estes ayahuasqueiros, são projeções de outros seres espirituais inferiores, zombeteiros, aliados da força da ilusão, materializados nos vícios e atitudes dos aparelhos despreparados e que sempre querem desestabilizar a ordem dos trabalhos. Por isso, durante a sessão, às vezes surgem algumas conversas paralelas, alguns pensamentos ruins ou até mesmo ventos, gemidos e barulhos estranhos. Isso tudo é encarado como manifestações desses espíritos inferiores impregnados na matéria da ilusão. Essa matéria emana uma forte energia que tenta atuar no espaço de domínio da realidade espiritual. Ilusão e realidade novamente entram em conflito.

O que aparece de ruim nas burracheiras, segundo os interlocutores, por exemplo, uma má visão ou mau sentimento, são tidos como reflexos desses espíritos, dessas energias

inferiores. Portanto, o mestre André¹⁵ sempre afirma que é preciso que o fiel saiba se controlar nesse sentido, para que quando as coisas más se apresentem, ele possa ter condições de perguntar, na força, o que são àquelas coisas e a que vieram. Só assim, diante dessa firmeza, adquire-se o poder para despachar as más aparições nos momentos da burracheira, permitindo-se navegar por águas calmas outra vez.

O segredo para o bom andamento de um trabalho espiritual no CHIED seria, justamente, o autocontrole do adepto que o permite despachar os maus pensamentos durante a batalha astral e não deixar que os mesmos impregnem o ciclo harmônico construído e mantido em cada rito. Durante os trabalhos com ayahuasca, o templo da realidade é revisitado, de forma que a ilusão não pode penetrar nesse santuário, cabendo a cada adepto, aluno, soldado ou guardião manter-se firme e concentrado nos ensinamentos dessa bebida enteógena.

Antes dos rituais, eles recomendam um cuidado especial. No Essência Divina os

15 Mestre fundador e representante do CHIED alagoano.

adeptos costumam ingerir comidas leves e evitam o consumo de álcool ou outras drogas, que possam atuar de maneira adversa durante a experiência. Na verdade, essa recomendação tem a ver com a preparação do corpo para receber o sacramento. É preciso entrar na sintonia do Vegetal e para tal se faz necessária uma reflexão maior, uma meditação profunda no intuito de se preparar para receber o que está por vir.

Sessões, comemorações e ensaios

Os adeptos do Essência Divina reúnem-se quinzenalmente no *Alto da Paz Chã do Cruzeiro* durante as sessões de escala deste centro ayahuasqueiro. Os trabalhos com ayahuasca, nestas reuniões, levam em média sete horas seguidas. Devido à amplitude dos sistemas simbólicos¹⁶, principalmente daimistas

16 A linha da unificação, estabelecida pelo mestre Francisco Souza de Almeida e que norteia os trabalhos do CHIED alagoano, une os elementos simbólicos dessas duas linhas ayahuasqueiras (daimistas e udevistas), daí a existência de hinos, chamadas e bailados durante os ritos nessas irmandades, como veremos em seguida. Informações sobre o mestre Francisco e o Centro de Cultura Cósmica Suprema

e udevistas, compartilhados pela irmandade, a sessão de escala apresenta-se extensa e dividida por algumas etapas, explicitadas mais adiante. Por hora, nos interessa saber que qualquer pessoa pode freqüentar esses trabalhos quinzenais desde que siga algumas regras principais estabelecidas para o controle e resguardo do grupo¹⁷. Existem também as sessões para fardados¹⁸, que são exclusivas àqueles mais envolvidos com as práticas da irmandade. Nestes encontros eles discutem assuntos administrativos, planejam as atividades do centro como, por exemplo, feitiços, mutirões, plantio e demais

Luz, Paz e Amor podem ser consultadas em Lima (2004, p. 62) e Lira (2009, p.138-142).

17 Os visitantes devem preencher um formulário antes das sessões de escala e que precisa ser entregue momentos antes da sessão, até mesmo para resguardar a irmandade de determinadas situações adversas que venham a acontecer durante o ritual. Algumas perguntas desse protocolo giram em torno do histórico do visitante como, por exemplo, nome, endereço, filiação, histórico de doenças, usos controlados de medicamentos e outras drogas alteradoras da consciência. O visitante pode participar de qualquer sessão de escala, desde que cumpra com esses princípios fundamentais.

18 Os fardados são àqueles discípulos mais antigos e que conseqüentemente são os mais dedicados com as causas da irmandade.

empreendimentos necessários à sustentabilidade do núcleo.

Durante essas sessões exclusivas, eles também bebem o chá em momentos de concentração, nos quais podem meditar e dialogar sob o efeito da bebida, no intuito do conhecimento grupal e individual. Outras sessões são reservadas aos casamentos e batizados que são grandes comemorações entre a irmandade. É bastante comum o batizado de crianças, assim como o de alguns adultos fardados que escolhem seus padrinhos de acordo com as afinidades espirituais, adquiridas a partir das vivências no grupo. Os casamentos são momentos de celebração nos quais os adeptos festejam a união dos conjugues que, normalmente, são fardados no CHIED.

Os ensaios são momentos nos quais os hinos são estudados tanto pelos músicos, como por alguns fardados que também devem saber cantar e bailar durante os trabalhos espirituais. O Vegetal servido nos ensaios não pode ser muito forte. As pessoas se esforçam durante o estudo da letra e da harmonia dos hinos, portanto a concentração

da bebida precisa ser branda. Brando é o contrário de denso. Denso seria um chá considerado forte com força e luz ampliados. Brando seria um chá ameno, com força e luz reduzidos. No CHIED esse é o chamado Vegetal para trabalho¹⁹ direcionado ao estudo dos cânticos e aprendizado dos passos do bailado ou qualquer outra atividade que exija destreza e concentração.

O ensaio é necessário para que durante a dinâmica ritual as coisas aconteçam em sintonia de modo que os movimentos do bailado e a marcação dos maracás devem estar sincronizados com a melodia e a letra dos hinos para que, durante a sessão, o objetivo norteador²⁰ destes cânticos sagrados, que conduzem a experiência dos adeptos, seja alcançado. Na verdade, o ensaio se apresenta como uma oportunidade única para

19 Veremos mais adiante que a concentração do Vegetal varia de acordo com a ordem dos cozimentos realizados durante os rituais de feito.

20 O conteúdo dos hinos estimula e estrutura os efeitos da ayahuasca conduzindo as visões e sensações dos participantes do ritual. O conteúdo das chamadas udevistas também possui esse caráter norteador durante a experiência com ayahuasca. Maiores detalhes consultar Lira (2009, pp.119-125).

que o fiel se familiarize com a experiência, testando assim sua concentração mediante os estados ampliados da consciência.

Quando a irmandade consegue sincronizar esses elementos, no momento ritual, atinge-se o objetivo maior que é o estudo completo de um hinário. Um hinário corresponde ao conjunto de hinos recebidos²¹, na maioria das vezes, por apenas uma pessoa (Cemin, 2002, p. 359; Goulart, 2004, p. 31 e Lima, 2005, p. 6). Os sistemas guiados pela linha daimista apresentam cerca de oitenta hinários recebidos por alguns adeptos ao longo de suas vidas (Pacheco, 1999). Os principais parecem ser àqueles trazidos pelo mestre fundador Raimundo Irineu Serra: o Cruzeiro, os Quatro Falecidos e o Hinário de Finados. O CHIED compartilha desses e de outros hinários que são trazidos por alguns discípulos. Os novos hinos também passam a ser estudados e ensaiados no intuito de serem incorporados à dinâmica ritual.

21 Os hinos são trazidos ou recebidos quando o adepto estabelece uma íntima relação com o astral que o presenteia com tais mensagens divinas.

Durante a pesquisa de campo²², o CHIED alagoano estudou e incorporou os seguintes hinários: o Cruzeiro do mestre Irineu e Vós Sois Baliza do daimista piauiense Germano Guilherme. Antes destes, eles estudaram quatro hinários de uma adepta do centro, a Clarissa Rodrigues, mais conhecida por Passarinho: Rosa da Caridade, Semente do Divino, Tridente do Sagrado Pai e Luz Interior²³. A irmandade ainda compartilha de um hinário denominado *Top Hits* que inclui muitos hinos recebidos por outras pessoas, principalmente, adeptos do CHIED brasileiro²⁴. Esse hinário, muitas vezes, é cantado, tocado e bailado nas sessões direcionadas aos batizados e casamentos.

Nos sistemas daimistas, segundo Rehen (2007), os hinos são considerados ofertas concedidas pelo Astral Superior, cujas

22 Foram dedicados ao CHIED alagoano os meses de agosto de 2007, abril, maio e junho de 2008.

23 Os hinos da Passarinho mesclam elementos oriundos de distintos sistemas simbólicos entre eles os universos afro-brasileiro, cristão, xamânico, hinduísta e ayahuasqueiro. Maiores detalhes consultar Lira (2009, p.237).

24 Refere-se à sede geral do Essência Divina, fundada pelo mestre Vinícius e situada em Brasília (DF). Maiores detalhes consultar Lira (2009, pp. 138-164).

mensagens estendem-se ao plano dos humanos que atuam disseminando essas informações. A autoria, portanto, é atribuída ao plano divino, por isso não podem sofrer interferência humana. Nem a melodia, nem a letra de um hino recebido podem ser alteradas. A mensagem costuma ser transmitida tal qual foi recebida. Assim também acontece com os novos hinos trazidos, principalmente, por alguns fiéis do Essência Divina. Mesmo com a adição de outros elementos simbólicos cuja junção nos remete ao universo da Nova Era²⁵, as mensagens do astral não são alteradas por àqueles que as recebem. Estes hinos são estudados, ensaiados e entoados com empenho, respeito e dedicação necessários à louvação de sua sacralidade. Afinal são presentes divinos, recebidos por alguns escolhidos dessa irmandade, e que são compartilhados entre os demais. O ato de

25 Movimento religioso que incorpora o holismo e o místico na idéia da junção, da união das doutrinas em prol de um conhecimento amplo e não excludente. Maiores detalhes consultar Camurça (1996, p. 9) e Brichal (2006).

cantar para o divino permanece atuante nesse centro de harmonização ayahuasqueiro.

Sessão de escala

As sessões de escala no CHIED acontecem nos primeiros e nos terceiros sábados de cada mês. O ritual dificilmente se inicia no horário marcado, às 16 horas. Isso devido à localização do Alto da Paz que fica um tanto quanto distante da cidade de Maceió, cerca de quinze quilômetros entre a capital e o distrito de Riacho Doce. De volta ao Alto da Paz, os irmãos se reencontram, conversam, põem os assuntos em dia, além de renovarem suas forças físicas e espirituais durante a extensa dinâmica ritual conduzida por tal centro ayahuasqueiro.

Aos poucos, as pessoas vão chegando, reservam seu cantinho dentro da oca²⁶, os

26 No anexo superior, próximo à entrada do centro, uma oca feita com palhas de sapê e madeira foi construída, sendo este o local no qual as sessões com o Vegetal acontecem. Muito grande e chamativa, a oca foi erguida por alguns índios da tribo alagoana Wassu-Cocal. O mestre André teve contato com essa tribo quando efetuou um trabalho ambiental de reflorestamento numa aldeia localizada no município de Joaquim Gomes (AL). Ele fez amizade

músicos cantam e tocam violões, tambores e pandeiros, enquanto outros vão se arrumando para o início da sessão. O mestre André sempre traz consigo uma parnafenália de fios e cabos que conectam um *notebook* ao som do seu veículo. O computador fica sob a mesa central²⁷, assim como algumas garrafas pet com o Vegetal, um filtro transparente onde o chá é servido, algumas velas brancas acesas, copos com água, livrinhos de hinários, muitas flores e uma Cruz de Caravaca (Foto 1). À noite, além das velas, o local fica iluminado por um candeeiro a gás²⁸, pendurado numa das madeiras que sustentam a oca.

com o cacique e chegou a convidar alguns índios para participarem dos trabalhos com o Vegetal. Eles foram, gostaram da experiência e em seguida surgiu a idéia da construção da oca.

27 Onde senta o mestre André à cabeceira principal, junto de cinco discípulos auxiliares que são convocados momentos antes da sessão.

28 Dados relativos ao mês de junho de 2008. Após a pesquisa de campo a irmandade conseguiu, junto à companhia elétrica local, a implantação de alguns postes e fios de alta tensão, que conduzem energia até o Alto da Paz.



Foto 1 - Foto 1. Copos, flores, filtro de vidro com o Vegetal e Cruz de Caravaca sobre a mesa central. Direito de imagem cedido pelo CHIED. Foto disponível em: <http://www.essenciadivina.org/fotolog/index.php?image=617>

A Cruz de Caravaca, Cruz de Lorena ou Santo Cruzeiro trata-se de uma cruz com dois braços transversais, o de baixo mais comprido do que o de cima (MacRae, 1992, p.40). Esta cruz é bastante comum entre as populações camponesas de partes da América Latina. O livro *La Santa Cruz de Caravaca*, com orações de origem medieval espanhola, é comumente utilizado pela população pobre e mestiça do Peru (Luna, 1986). Para os daimistas, o segundo braço representa o

Mestre Irineu, ou a segunda volta de Cristo à Terra. O Cruzeiro é colocado sobre a mesa central da igreja que geralmente possui a forma de uma estrela de seis pontas. Este é considerado o ponto do qual emana e de onde se capta a energia do astral para o salão (Groisman, 1991, pp.90-103 e MacRae, 1992, p.40).

Nos sistemas guiados pela linha daimista, durante as sessões com o Santo Daime, os participantes presentes no salão costumam ser separados espacialmente em relação ao gênero, estado civil, idade e altura corporal. A separação espacial, principalmente àquela vinculada ao gênero, é interpretada como essencial para a condução do trabalho, pois o daimista acredita que os sexos opostos emanam energias opostas e devem ser mantidos distantes para a perfeita condução da sessão (Monteiro da Silva, 1983, p.74; MacRae, 1992, p.99; Couto, 2002, p.396 e Labate, 2004, p.128).

MacRae (1992, p.77) vai mais além ao afirmar que no Santo Daime, a separação dos sexos extrapola os limites rituais, sendo marcante também na vida cotidiana dos

adeptos²⁹. Portanto, no CHIED, o Salão Dourado³⁰ é ocupado pelos participantes sem separação ou distinção. Homens e mulheres podem sentar próximos uns dos outros desde que não conversem entre si e nem interfiram nos procedimentos da sessão³¹.

Quando consegue plugar toda a aparelhagem ao som do veículo, o mestre André coloca algumas músicas que ajudam a relaxar, pois vão preparando os adeptos para que os mesmos entrem na sintonia do chá. O estilo dessas músicas varia bastante, portanto parece existir uma preferência àquelas do movimento Nova Era, que mesclam a musicalidade andina com tambores africanos, ícaros xamânicos e mantras hinduístas. A maioria das gravações e mensagens sonoras colocadas em sessão é feita no estúdio do Dácio, que além de ser fardado no Essência

29 MacRae (1992, p.77) chega a identificar o Mundo das Mulheres representado pelas madrinhas e o Mundo dos Homens representado pelos padrinhos.

30 No CHIED alagoano esse é o nome dado ao espaço onde as sessões com ayahuasca acontecem.

31 Veremos mais adiante que no CHIED a separação entre os sexos permanece nos momentos do bailado, instantes nos quais a irmandade entoa e dança alguns hinos durante o ritual.

Divina, também é produtor musical. Além desses sons instrumentais, eles costumam ouvir, durante a sessão, algumas outras músicas que possuam mensagens a ser transmitidas. Aqui parece inexistir qualquer tipo de preconceito musical, visto que, o estilo pode variar desde o reggae, forró e MPB até o *Hip Hop* e até mesmo o *Rock and Roll*. É comum também ouvirem alguns ensinamentos e histórias gravadas pela voz imponente do mestre André, mixada com sons orientais, mantras e ícaros xamânicos³².

Quando todos estão quietos nos seus lugares e o silêncio se faz presente no Salão Dourado, o mestre André inicia a sessão distribuindo o Vegetal, primeiramente, aos cinco componentes da mesa. Em seguida uma fila indiana é formada lentamente e os adeptos esperam sua vez até chegarem à mesa central onde recebem suas doses³³,

32 Ícaros são cantos xamânicos, que segundo MacRae (1992, p.42) são entoados pelos vegetalista peruanos conhecedores da ayahuasca. Tais cânticos exercem uma função importante na estruturação das visões dos participantes. Ícaros são fortes instrumentos de poder.

33 No CHIED alagoano o copo das mulheres é menor do que o copo dos homens.

servem-se de pedaços de frutas ou doces³⁴ e voltam ao seus lugares sem beber o chá. Todos seguram seus copos quietos e concentrados até que o último participante recebe sua dose das mãos do mestre. Em seus lugares, repetem o verso udevista³⁵ em uníssono: “*Que Deus nos guie pelo caminho da luz, para sempre Amém Jesus*” e bebem a infusão ao mesmo tempo.

Os copos são logo recolhidos e levados até a cozinha onde são rapidamente lavados. Após beber o Vegetal, os participantes ficam em silêncio, nos seus lugares, concentrados de olhos fechados e esperando os efeitos da ayahuasca, que surgem com o desenrolar da sessão. Nesse momento de concentração, as músicas do André são um convite à meditação. Os sons da natureza são fortíssimos. Muitos mantras e ícaros em meio a instrumentos de sopro, percussão e barulhos estranhos, porém agradáveis ao processo visionário. O mestre sabe muito bem

34 As frutas e os doces servem para disfarçar o gosto amargo do Vegetal. Alguns os chamam de “tira-gosto”.

35 Esse verso é recitado coletivamente durante as sessões udevistas antes dos adeptos tomarem a primeira dose do Vegetal. Maiores detalhes consultar Lira (2009, p.85).

quais as músicas ideais para tais momentos de reflexão. Assim é impossível não sonhar acordado. Seria esse um dos portais para a entrada nos encantos? De que forma o som age na experiência mística como mecanismo ampliador da consciência? Certamente são questões intrigantes. De qualquer forma, cabe aqui o registro da importância crucial dos sons para esse processo ritual em particular. Dessa forma, no CHIED alagoano, todos vão entrando tranquilamente nos estados do êxtase místico, também chamado burracheira.

Esse momento de concentração inicial leva aproximadamente uma hora. Em seguida, o mestre André entoa as cinco chamadas de abertura udevistas³⁶, que abrem o oratório durante a sessão e evocam os seres míticos para proteger e guarnecer os momentos da burracheira. É quando os adeptos entram nos

36 Nos sistemas udevistas, após a ingestão do Vegetal, o mestre que dirige a sessão entoa as chamadas de abertura, abrindo o oratório ao Divino Espírito Santo. Para o hoasqueiro, isso é o que traz clareza e orientação durante o trabalho espiritual, para que todos os participantes possam compreender o que for apresentado durante a sessão. Para a abertura dos trabalhos são entoadas cinco chamadas: Sombreira, Estrondou na Barra, Minguarana-tu, Mestre Caiano e a Chamada da União do Vegetal.

encantos do Vegetal. Enquanto o mestre faz as chamadas, é conveniente que todos os participantes estejam em seus lugares dentro do Salão Dourado, em silêncio e atentos aos efeitos da ayahuasca.

Assim como nos sistemas udevistas, nas sessões de escala do CHIED também existe o momento da ligação³⁷, que para esses religiosos é quando se estabelece a conexão entre os seres humanos e o Astral Superior por intermédio da burracheira. O mestre André pergunta aos participantes se os mesmos estão sentindo luz e burracheira³⁸ e todos respondem o mesmo “sim”. Ninguém pode ficar sem a ligação nem tampouco se ausentar durante esse momento crucial.

Após a ligação, o mestre anuncia a repetição do chá para àqueles que queiram

37 O momento da ligação se dá entre o mestre, o Astral Superior e os participantes.

38 Nos sistemas udevistas, o mestre dirigente sai do seu lugar à mesa central e se dirige a cada participante, chamando-o pelo nome e perguntando se o mesmo está sentindo luz e burracheira durante a sessão. Essa dinâmica se repete no CHIED, mas o mestre não sai do seu lugar sendo a pergunta feita a todos ao mesmo tempo. O “sim” é uma resposta ritual, que é dada coletivamente e em voz alta.

tomar outra dose da bebida. Nesse momento, os participantes chegam até a mesa e bebem mais um pouco. A grande maioria das pessoas que beberam a primeira dose costuma repetir o Vegetal nesse momento. Novamente uma fila indiana é feita. As pessoas vão até a mesa, pegam suas doses e bebem a infusão no mesmo instante em que recebem seus copos das mãos do mestre. Em seguida, cada um retorna ao seu lugar de forma que outro momento de concentração é estabelecido depois de servida a segunda dose. Enquanto os participantes mantêm-se concentrados dentro do Salão Dourado, o André sai do seu lugar à mesa, deixando o mestre Glauber, temporariamente, sob o comando da sessão. Isso porque durante o ritual, o André costuma fazer uma espécie de trabalho xamânico. Ele se encaminha até a fogueira que sempre é acesa longe da oca e leva consigo uma bolsa de caçapa contendo dois maracás, um defumador e um poncho de lã branco com listras pretas.

Ele canta alguns ícaros, abre a bolsa e espalha esses objetos ao redor da fogueira

que vão sendo defumados individualmente, tanto pela fumaça da fogueira quanto pela do defumador. Ele veste o poncho e chacoalha os maracás com uma das mãos, enquanto que a outra traz consigo o defumador aceso que é soprado dentro da oca, cuja fumaça alcança todos àqueles presentes no Salão Dourado. Enquanto isso, os participantes ficam em seus lugares, apenas concentrados em seus pensamentos e ouvindo os sons dos ícaros e do chocalho dos maracás do mestre André.

Logo que percorre todo o espaço ritual, chacoalhando os maracás e borrifando o defumador, o mestre retorna à fogueira, guarda os instrumentos dentro da bolsa de caçapa e volta ao seu lugar à mesa ocupado, temporariamente, pelo mestre Glauber³⁹. Nesse instante, o momento de concentração é interrompido quando o mestre André abre um pequeno espaço, durante a sessão, para algumas explicações que, na

39 O mestre Glauber é autorizado a entoar chamadas durante a sessão. Diferentemente dos sistemas udevistas, no CHIED alagoano os demais participantes fardados não costumam entoar chamadas.

maioria das vezes, engloba histórias, conselhos, exemplos e cuidados a serem tomados pelos ayahuasqueiros. O conteúdo dessas explicações varia de acordo com o que surge durante o trabalho espiritual.

Diferentemente dos sistemas udevistas, aqui normalmente não há àquela ocasião rotineira na qual os participantes questionam o mestre dirigente fazendo-o perguntas⁴⁰ sobre suas dúvidas pessoais e ou doutrinárias. Os adeptos do CHIED alagoano não costumam se manifestar durante a dinâmica ritual a não ser quando estimulados pelo mestre André. Os temas mais recorrentes destas explicações parecem ser direcionados ao dia-a-dia dos ayahuasqueiros. Os cuidados com o corpo e a saúde; o respeito e a responsabilidade com a realidade espiritual; o viver bem consigo mesmo e com o próximo, enfim; nesses

40 Durante o ritual com o Vegetal na linha udevista são freqüentes, nesses momentos de explanação, diálogos entre os participantes da sessão e o mestre dirigente no intuito de esclarecer coisas da vida, da experiência com o chá ou pormenores sobre os ensinamentos do mestre Gabriel. É durante essa dinâmica que se avalia o grau do discípulo no tocante à sua participação na doutrina udevista. Maiores detalhes consultar Lira (2009, pp.87-88).

momentos de conversação, os adeptos do CHIED têm reforçados para si os princípios básicos norteadores que conduzem a vida do ayahuasqueiro, consciente de seu lugar no mundo.

Para Edmund Leach (1978, p.56), os seres humanos elaboram e participam de rituais, pois objetivam a transmissão de mensagens coletivas que norteiam a vida dos mesmos. Essas mensagens ditam o jeito de ser de uma sociedade que atualiza seus preceitos, interditos, sonhos, símbolos e idéias por intermédio dos inúmeros ritos e mitos elaborados pelos distintos sistemas culturais. Ainda de acordo com Leach (1978) é possível comparar o processo ritual à relação existente entre a apresentação de uma orquestra e a platéia que a acompanha. Os espectadores, nesse caso, não objetivam identificar os sons particulares de cada instrumento da orquestra e sim o conjunto dessa combinação. A música da orquestra só tem sentido para o ouvinte a partir da combinação dos elementos harmônicos e sonoros emitidos por cada instrumento. Durante um ritual para Leach (1978) existe

uma figura central, um intermediário, facilitador, enfim um “maestro” cuja função é a de nortear os eventos do rito para que o mesmo tenha finalidade e sentido perante os participantes.

O papel do maestro, pensado por Leach (1978), é ocupado no CHIED alagoano pelo mestre André Luiz conhecedor de um conjunto de saberes adquiridos com o tempo e que o permite conduzir as sessões, estruturando os eventos das mesmas, a partir de pré-seleções musicais combinadas ao seu dom de oratória, simpatia, carisma e experiência com a bebida enteógena. Esses elementos quando combinados favorecem a condução da experiência mística dando finalidade e sentido ao processo ritual. Portanto lembremos que no caso ayahuasqueiro, a platéia também interage com a orquestra e o maestro depende dos ouvintes para que a música tenha um sentido.

Durante a sessão, além das explicações do mestre André ou de algum participante do ritual, é comum também ouvirem músicas, ensinamentos e mensagens que se intercalam com

histórias⁴¹ e chamadas udevistas. Após as explanações, o André pede para acender as luzes fluorescentes, anunciando o momento da terceira dose do Vegetal. Outra fila indiana é formada, portanto, normalmente, poucos adeptos costumam repetir o chá nessa última ocasião. Em seguida, o Salão Dourado adquire uma nova configuração espacial para que seja possível a sincronia dos passos do bailado.

Os músicos trazem suas cadeiras para perto da mesa central e afinam seus instrumentos⁴², enquanto os demais participantes recolhem as outras cadeiras do espaço e as reagrupam noutra posição que não atrapalhe o posicionamento dos participantes do bailado. Homens de um lado e mulheres do outro, cada um traz consigo o

41 Representam os mitos udevistas deixados pelo mestre Gabriel e que são transmitidos pela narrativa oral a partir do envolvimento maior do discípulo com a doutrina. As chamadas relacionam-se com as histórias, pois quando são entoadas, em cada rito, repetem e atualizam os mitos cosmogônicos e de origem dessa tradição.

42 No CHIED os instrumentos mais comuns são as violas, os pandeiros, tambores e maracás, portanto ocasionalmente outros instrumentos musicais são usados esporadicamente como, por exemplo, flautas, pífanos, berimbaus e harpas.

livrinho do hinário correspondente à sessão e um maracá que, no CHIED, é feito com cabaças e sementes de plantas locais⁴³. O maracá, nos sistemas daimistas, além de ser um instrumento musical, é considerado uma arma espiritual, pois o mesmo marca o compasso dos hinos e do bailado, mas também chama a força para dentro dos trabalhos (Cemin, 2002, p.357).

Os ritmos que compõem os hinos daimistas não costumam ir além da valsa, da marcha e da mazurca (Monteiro da Silva, 1983, p.76; Goulart, 2004, p.46; Bomfim, 2006, p. 2 e Rehen, 2007, p.30). Danças européias incorporadas à doutrina daimista por serem comuns à tradição rural brasileira, cuja influência é marcante na construção simbólica dessa doutrina. Esses ritmos também acompanham os novos hinos que surgem entre os adeptos do CHIED, tanto alagoano quanto brasileiro. Mesmo com a adição de novos elementos e instrumentos musicais, a sonoridade tradicional não é abandonada, pois

43 O maracá nos sistemas daimistas costuma ser feito de lata com pedras em seu interior (Goulart, 2004, p.46).

persistem a valsa, a marcha e a mazurca nos novos hinários dessas irmandades.

O ato humano de dançar para o divino “*provavelmente veio da necessidade de aplacar os deuses ou de exprimir a alegria por algo de bom concedido pelo destino*” (Faro, 1986, p.13). Estudos arqueológicos e filosóficos apontam as danças como elementos primordiais nas cerimônias religiosas, de tal forma, que é possível afirmar que a dança nasceu das religiões ou até mesmo junto com elas, podendo ser considerada uma atividade técnico-religiosa, visto que, aparentemente, surgiu para satisfazer às necessidades dos ritos (Faro, 1986, p.13 e Chauí, 2000, p.409). Os movimentos corporais têm por finalidade induzir o dançarino ao êxtase, mediante elevação espiritual, ao mesmo tempo em que estabelecem um elo de comunicação não verbal entre os vivos e os mortos (Campos & Lemos, 2008, p.2).

Nos sistemas daimistas, todos os participantes são obrigados a bailar em seus lugares durante o ritual. No Essência Divina, portanto, existe uma certa flexibilidade, de forma que só bailam àqueles que estão

dispostos a passar por tal batalha espiritual. Normalmente, os fardados são muito empenhados tanto em cantar os hinários quanto em bailá-los. Para esses fiéis a concentração exigida no cantar e no bailar é de importância fundamental. É uma batalha astral e, como em qualquer outra batalha, objetiva-se superar derrotas e adquirir recompensas.

Cada ritual é uma espécie de preparação, tanto para o neófito visitante, quanto para os mestres. Obviamente os mais experientes estão mais preparados para marchar no exército do astral. Curadores encarnados que trabalham com as forças da natureza. Alunos disciplinados e destinados a louvar e agradecer às dádivas recebidas pelo mestre Vegetal. E assim o bailado se prolonga durante a noite, até o fim do hinário escolhido. Homens de um lado, mulheres do outro, músicos ao redor da mesa ao som das violas, pandeiros, tambores e maracás. O entrosamento costuma ser harmônico e em poucas vezes, a cantoria sai do seu ritmo original. Quando isso acontece, o ritmo é

logo corrigido e contornado pelos músicos mais empenhados.

Quando todo o hinário escolhido para a sessão é bailado, o Salão Dourado adquire a configuração espacial anterior. As cadeiras são novamente postas nos seus devidos lugares, os músicos guardam os instrumentos e os demais participantes se acomodam, no intuito de se despedirem da burracheira. O mestre André, normalmente, faz algumas explicações quase sempre direcionadas aos eventos da sessão. A questão administrativa, principalmente relativa às doações financeiras para a continuidade dos trabalhos no centro, sempre é reforçada nesses momentos finais. Em seguida, o mestre André entoia as chamadas de encerramento da sessão⁴⁴, fechando o oratório com a proteção dos seres míticos udevistas.

Todos aplaudem o sucesso do trabalho, ao mesmo tempo em que se abraçam no final de cada ritual. Cada um costuma trazer

44 O mestre fecha o oratório entregando os trabalhos ao divino espírito santo. É quando o hoasqueiro se despede da burracheira. Maiores detalhes consultar Goulart (2004, p. 229) e Lira (2009, p. 90).

consigo pequenas contribuições para o lanche que sempre é servido depois da sessão. Sucos, bolos, frutas, doces e salgados costumam compor a ceia dessa grande família ayahuasqueira. Muitos pernoitam no Alto da Paz, enquanto outros preferem dormir em casa. E assim as sessões de escala acontecem quinzenalmente. Dias em que os adeptos reforçam sua ligação com esse trabalho espiritual ao mesmo tempo em que se reencontram, conversam e renovam suas energias nos ritos do Alto da Paz, Chã do Cruzeiro.

Feitios

Os feitios são os trabalhos direcionados à produção do chá. É quando a irmandade se reúne, em mutirões, e efetua densos trabalhos que se estendem, normalmente, por dez dias seguidos. As pessoas bebem o Vegetal e se revezam nas múltiplas atividades exigidas por essa grande festa direcionada à confecção do sacramento. Estes rituais de preparo, acima de tudo, garantem independência e auto-suficiência dos grupos na produção da própria bebida. Durante

minha pesquisa de campo, o CHIED alagoano realizou três grandes feitiços. Dois aconteceram nos meses de agosto e dezembro do ano de 2007 e o último foi realizado no mês de agosto de 2008. Os cipós utilizados nesses trabalhos vieram a partir do contato com algumas comunidades de quilombolas em Belém do Pará⁴⁵.

As folhas vieram das mudas de chacrona cultivadas pelo grupo e que já são capazes de satisfazer às demandas dos feitiços. O marirí, no Essência Divina, ainda encontra-se em desenvolvimento cultivado em alguns cajueiros no Alto da Paz. Todos os feitiços aconteceram na antiga sede do grupo alagoano localizada na Praia do Francês⁴⁶ no

45 Os cipós utilizados nos últimos feitiços do CHIED alagoano vieram de Belém do Pará a partir do contato estabelecido com uma comunidade de quilombolas, que plantam o marirí, mas usam apenas as folhas deste cipó em seus trabalhos rituais.

46 Refere-se à primeira sede do CHIED alagoano fundada no mês de abril do ano de 2005. Antes disso o mestre André já reunia alguns familiares e amigos em sua residência na Praia do Francês desde 2002, onde passou a ministrar o Vegetal em nome do Centro de Harmonização Interior Essência Divina com a devida autorização do mestre Vinícius. Maiores detalhes consultar Lira (2009, pp.145-147).

município de Marechal Deodoro (Al). Ao todo compareceram cerca de quarenta pessoas em cada ritual de preparo que produz em média cento e cinquenta litros da bebida.

Tanto as folhas da chacrona, quanto o cipó marirí, são de difícil acesso, manuseio e adaptação. Os climas nordestinos não são favoráveis a tais plantas amazônicas, portanto seus cultivos exigem alguns cuidados especiais (Lira, 2009, pp.70-74). A ecologia e a fisiologia desses dois vegetais já impõem um controle natural em relação ao consumo da ayahuasca. Além disso, a mecânica exaustiva empregada nos rituais de preparo dificulta ainda mais a obtenção deste enteógeno.

No CHIED, o feito é encarado como a pós-graduação do trabalho espiritual, pois o adepto não deve saber apenas beber, como também deve saber fazer o próprio Vegetal. Esses ayahuasqueiros consideram o feito como o momento único de transformação, doação, aprendizado e convivência. A transformação vem pelo trabalho que está sendo realizado nesse momento. Água, fogo

e plantas combinados ao esforço e boa vontade dos participantes desse ritual, são os ingredientes principais dessa alquimia xamânica. O aprendizado surge de acordo com a doação e a convivência das pessoas que participam desse rito, no qual se almeja a confecção de um bem comum. Os feitos são momentos singulares, nos quais todas as energias empregadas nos trabalhos, nos pensamentos, nas palavras e ações dos mutirões, são automaticamente transmitidas ao sacramento em produção. Tudo feito em sincronia, com muita ordem e sob o estado ampliado de consciência, fornecido pela ingestão do chá que, aliás, é constantemente consumido durante a realização das atividades.

O grupo se apresenta merecedor do Vegetal, quando consegue produzi-lo e administrá-lo com responsabilidade. Nesses instantes é preciso muita concentração, firmeza e consciência de que tudo o que é feito durante o ritual de preparo, transmite energia para o sacramento. É como se todo sacrifício e esforço empregados tanto coletivamente, quanto individualmente,

favorecessem a atuação de um complexo ciclo energético. Caso os pensamentos e ações realizados durante o processo forem voluntariosos, tranqüilos e felizes o chá, que está sendo preparado, receberá essas boas vibrações e todos bebem de volta essa energia circundante. Caso as ações e pensamentos, durante o ritual, forem preconceituosos, negativos ou intolerantes, o chá terá as mesmas propriedades indesejadas. O objetivo principal da produção do Vegetal é o de fornecer um chá que possua luz e força em equilíbrio.

Outras influências não podem ser transferidas à bebida, portanto o feito é encarado como um teste de firmeza e constante superação no qual os fieis procuram executar todas as etapas do trabalho concentrados naquilo que estão fazendo. Tal concentração é adquirida com o tempo e a partir das vivências com ayahuasca. No CHIED alagoano quem comanda todas as etapas do trabalho é o mestre André que conta com a participação dos demais fardados para a manutenção da sincronia exigida pelo feito.

O preparo da ayahuasca nos remete às tradições milenares dos antigos povos da floresta conhecedores dos segredos da natureza. Suas bricolagens, construções e experimentos possibilitaram a descoberta das propriedades místicas do marirí e da chacrona que passaram a ser combinados, cozidos e ingeridos ao longo das gerações (Lira, 2009, pp.15-21). A forma do preparo, a quantidade de chá produzido, os modos de obtenção das plantas, assim como a concentração da bebida costuma variar entre àqueles que confeccionam esse enteógeno.

Nos sistemas daimistas, por exemplo, o feitio é uma atividade extremamente sincronizada, organizada e revestida por um forte simbolismo espiritual em relação à produção do Santo Daime (MacRae, 1992, p.108; Drouot, 1999, p.43; Cemin, 2002, p.360; Goulart, 2004, p.262 e Labate, 2004, p.297). É bastante comum, entre as igrejas daimistas localizadas na região norte do país, a organização de verdadeiras expedições mata adentro nas quais os adeptos partem em busca das folhas e dos

cipós nativos⁴⁷ (MacRae, 1992, p.108; Drouot, 1999, p.43 e Cemin, 2002, p.360). Os participantes costumam abster-se sexualmente antes, durante e depois de um feito. Não é permitido o consumo de bebidas alcoólicas e devem ser tomados alguns cuidados com a alimentação.

Além disso, também existem restrições fortíssimas como, por exemplo, não permitir que mulheres menstruadas participem do ritual (Froés & Rocha, 1977, p.5; MacRae, 1992, p.76 e Goulart, 2004, p.262) e nem tampouco é possível comunicação entre os sexos opostos nas etapas comuns ao feito do Santo Daime. O ritual se apresenta como um teste de pureza e competência. Cada participante é encarado como fundamental dentro desse trabalho, pois a atuação de cada um reflete nas propriedades do

47 Atualmente essas expedições tornam-se cada vez menos comuns, pois os grupos passam a cultivar os vegetais nos próprios núcleos. Isso se dá devido à preocupação existente entre as entidades ayahuasqueiras em relação ao desmatamento e possível extinção das folhas e dos cipós em sua forma silvestre. Além disso, cultivar as próprias plantas é necessário às irmandades localizadas longe da floresta amazônica.

sacramento em produção. Por isso, o feito deve ser conduzido em silêncio, na mais absoluta concentração, evitando-se conversas paralelas e sentimentos considerados inferiores.

No CHIED, assim como nos sistemas daimistas, os homens preparam os cipós tratando e macerando as fibras do mariri para que seja possível seu cozimento. As mulheres cuidam da chacrona. Elas separam as folhas verdes das secas e as lavam com água corrente. É possível afirmar que, durante o feito, alguns preceitos daimistas são mantidos nesse centro de harmonização ayahuasqueiro, portanto não há restrições, por exemplo, quanto à participação de mulheres menstruadas, nem tampouco quanto ao contato entre os sexos opostos. Normalmente não se exige uma dieta alimentar específica, nem abstinência sexual, portanto permanecem os interditos relativos ao uso do álcool ou de outras drogas. Também não existem horários, épocas e nem dias específicos para a realização do feito, mesmo porque os trabalhos acontecem de acordo com a necessidade do grupo e disponibilidade dos participantes.

Hinos daimistas e chamadas udevistas são entoados durante todo o trabalho, além de algumas músicas pré-selecionadas pelo mestre André. As conversas devem ser produtivas e direcionadas à atividade em questão. Raramente eles ficam em silêncio. As camadas de folhas e fibras de cipós maceradas são postas alternadas nas panelas com água dentro da fornalha, onde a infusão é cozida por aproximadamente duas horas e meia (Foto 2). De acordo com a ordem do mestre André, as panelas são retiradas do fogo e o primeiro Vegetal é colhido. Em seguida mais água é adicionada às panelas e o material é cozido novamente por mais duas horas e meia. As panelas são tiradas do fogo para que o segundo Vegetal seja colhido e assim sucessivamente, até que o mesmo material seja cozido cinco ou seis vezes.

Depois que sai das panelas, o chá é armazenado temporariamente em tonéis de plástico de acordo com a ordem dos cozimentos (Foto 3).

Quando questionado a respeito do porquê dessa separação entre os cozimentos, o mestre André afirma que não é ideal elaborar

o chá com uma concentração única, pois assim como faz, o grupo adquire o privilégio de escolher o tipo de bebida que se quer tomar no dia, local, hora e eventos adequados. Para isso servem os apurados de primeira, segunda, terceira, quarta, quinta ou sexta ordens. Teoricamente, o chá oriundo do primeiro cozimento seria mais “denso” do que àquele vindo do terceiro ou quarto cozimentos.



Foto 2 - Camadas de folhas e cipós macerados em cozimento.

Direito de imagem cedido pelo CHIED. Foto disponível em:
<http://www.essenciadivina.org/fotolog/index.php?image=661>



Foto 3 – Tonéis de plástico usados para armazenar o Vegetal.

Direito de imagem cedido pelo CHIED. Foto disponível em:
<http://www.essenciadivina.org/fotolog/index.php?image=382>

Segundo os interlocutores, nada impede que o sujeito beba um Vegetal oriundo do terceiro cozimento, por exemplo, e tenha uma burracheira tão elucidativa e iluminada quanto àquela que seria supostamente fornecida pelo primeiro ou segundo cozimentos. O oposto também pode acontecer, caso o sujeito beba um Vegetal de primeiro cozimento e venha a ter uma burracheira considerada branda ou nada sentir. Para o mestre André, esse seria o grande exemplo do segredo que envolve as

propriedades místicas do chá, que vão além da química de seus compostos. O estado de espírito do bebedor, o local onde a experiência acontece e as pessoas que dela participam influenciam diretamente nos efeitos da beberagem (Zinberg, 1984; MacRae, 2004 e Lira, 2009).

Depois que o primeiro material passa pelos cozimentos necessários e todo o chá é armazenado nos tonéis de acordo com a ordem de potência dos cozimentos, um novo material passa a ser elaborado. As panelas são lavadas, novas folhas e cipós são preparados e postos novamente em camadas alternadas nas panelas com água. A dinâmica se repete e o Vegetal é colhido e armazenado nos tonéis de acordo com os cozimentos. Ao todo são cozidos de três a quatro materiais. Cada material passa por cinco ou seis cozimentos. No final das atividades, o chá é armazenado em garrafas pet que ficam sob os cuidados do mestre André.

Entretanto, os trabalhos de feitiço não se resumem apenas na preparação e cozimento da infusão. Além destas atividades, os

adeptos costumam se revezar nas equipes direcionadas à limpeza, alimentação e demais necessidades que venham a surgir, como por exemplo, lavar banheiros, panelas, pratos, copos, cozinhar alimentos, carregar peso, juntar água, organizar os dormitórios, empilhar lenha, mexer as panelas na fôrnelha, equilibrar os líquidos em cozimento, cuidar do fogo, mantendo a combustão uniforme da madeira e, no caso dos músicos, cantar e tocar hinos constantemente. Todos na força da bebida a depender das aptidões e disponibilidades de cada um.

As atividades são feitas em sincronia, com tranqüilidade, concentração e firmeza necessárias a tal processo. A intenção voluntária é essencial, nada pode ser realizado com má vontade ou sob ordem e obrigação. Os ayahuasqueiros do CHIED afirmam que tudo deve ser feito com amor. É uma celebração e como tal eles demonstram um forte respeito e gratidão por àquilo que estão fazendo. Obviamente essa dinâmica gera um custo. Em cada ritual de feito, os adeptos do Essência Divina gastam, em média, de sete a oito mil reais incluindo;

gastos com o transporte do marifé, alimentação dos participantes, lenha para a fornalha entre outras tantas necessidades emergentes.

Lembrando que a ritualização na produção da bebida é outro fator que assegura o controle do seu uso. De acordo com MacRae (1992, p.82) a dificuldade diante da realização dos trabalhos de preparo ou feitio exige que os mesmos aconteçam coletivamente de acordo com uma organizada divisão de trabalhos. É uma cerimônia especial de intenso significado simbólico-religioso. Além disso, as reações comuns inerentes ao chá como: vômitos, diarreias, sentimentos angustiantes de morte e renascimento levam a crer que a bebida não se presta ao uso fácil, indiscriminado e recreativo.

Produzindo o próprio Vegetal, além de garantir auto-suficiência em relação ao consumo da bebida, consegue-se também selecionar a procedência do chá que se vai beber. Esses ayahuasqueiros acreditam que as pessoas e as condições nas quais um feitio ou preparo acontece influenciam

diretamente nas qualidades do chá. Teoricamente ao selecionar a irmandade, o lugar, as conversas e vibrações presentes nesses momentos de produção, selecionam-se também as propriedades místicas desejadas, pois o objetivo da irmandade é beber de volta essas vibrações. Por isso não é conveniente, segundo o mestre André, beber um chá de origem desconhecida cuja procedência pode não ser confiável devido à atuação de terceiros durante sua produção. Não é interessante, nesse caso, absorver uma energia não compatível à realidade dessa irmandade (Lira, 2009, pp.177-212).

Beatriz Caiuby Labate (2004, p.277) ao estudar o uso da ayahuasca entre os novos grupos ayahuasqueiros (neo-ayahuasqueiros) levanta a possibilidade da existência de ramificações na rede ayahuasqueira⁴⁸ e que

48 Labate (2004) ao analisar as novas modalidades de consumo da ayahuasca nos centros urbanos, elabora o conceito de rede ayahuasqueira na tentativa de acompanhar os fenômenos emergentes nesse campo religioso. Essa rede, segundo a autora, seria um espaço construído pelas entidades ayahuasqueiras em geral, que regulam o uso e a distribuição do enteógeno, por meio de suas práticas tradicionais elaboradas pelos principais líderes fundadores.

favorecem a distribuição do chá entre novos grupos emergentes. Tais ramificações possuem extensões que alcançam os “grupos oficiais” permitindo, dessa forma, o acesso ao chá por parte dos neo-ayahuasqueiros. Essa nova categoria de usuários urbanos da ayahuasca, segundo Labate (2004), seria representada por indivíduos das classes médias, letrados e influenciados pelo holismo do universo Nova Era.

Os grupos estudados pela antropóloga conseguiam a bebida, já preparada, dentro desse circuito alternativo que depende, exclusivamente, dos processos rituais oriundos das “matrizes originais”. A dificuldade de acesso às plantas, a mecânica exaustiva do feitio, o tempo exigido para a realização dos trabalhos, a comum falta de espaço e os custos monetários empregados em tal atividade ritualística configuram limitações visíveis à realização de um feitio dentre os novos grupos em formação. É preciso, antes de tudo, adquirir o conhecimento necessário à produção dessa bebida. Isso vem com o tempo e a partir das vivências dos sujeitos no universo da ayahuasca.

Os núcleos do CHIED possuem esse conhecimento específico devido às vivências dos seus mestres fundadores (Vinícius, em Brasília e André, em Maceió) nas distintas esferas ayahuasqueiras. Aliás, os dois grupos ayahuasqueiros dissidentes estudados em minha dissertação⁴⁹ reinterpretam os procedimentos rituais comuns aos feitios ou preparos, oriundos das matrizes ayahuasqueiras tradicionais, principalmente, daimistas e udevistas, de acordo com suas realidades (Lira, 2009). Mesmo longe das “matrizes oficiais” as duas irmandades investigadas em minha análise cultivam folhas e cipós, preparam o próprio chá com esses materiais e quando não, conseguem os vegetais *in natura* que satisfazem às demandas dos preparos ou feitios.

Podemos detectar uma tendência entre os novos grupos ayahuasqueiros que é justamente a de produzir o próprio chá. Cultivando marirí e chacrona, produzindo o próprio Vegetal, esforçando-se em aprender a

49 A Associação Espiritualista União do Vegetal (AEUDV) em Pernambuco e o Centro de Harmonização Interior Essência Divina em Alagoas.

manuseá-lo, os adeptos se sentem merecedores e responsáveis por sua distribuição. A obtenção do chá entre os ayahuasqueiros dissidentes, nesse caso, não se limita às ramificações que alcançam os grupos tradicionais. A tendência desses novos núcleos gira em torno do alcance e da manutenção de suas independências e auto-suficiências, continuando com seus trabalhos na produção, administração e distribuição responsável dessa bebida enteógena. Os acordos permanecem no astral, sendo o feito essencial no reforço de suas legitimidades.

Outras atividades

O chá também é consumido antes e durante algumas atividades braçais, organizadas em mutirões e direcionadas à manutenção dos trabalhos do centro, como por exemplo, plantios e construções de novas estalagens no Alto da Paz (Lira, 2009, pp.152-164). Marilena Chauí (2000, p.381) nos mostra que todos os sistemas de crenças religiosas, construídos culturalmente ao longo das gerações humanas, criaram a idéia de espaço sagrado devido à sacralização e

consagração de suas distintas interpretações a respeito dos homens, dos espíritos e da natureza. Os céus, mares, montanhas, templos e igrejas são os santuários onde habitam as divindades. Os fieis constroem o lar divino no qual são feitas cerimônias de culto, assim como preces, oferendas e pedidos aos deuses e deidades.

O espaço sagrado diverge do espaço profano que, para Chauí (2000, p.381), seria o espaço da vida comum dos fieis no seu dia-a-dia. A construção de um espaço sagrado é, portanto, uma oportunidade única de preparar e erguer a casa dos deuses para deles se aproximar. Durante essa construção também são erguidos e mantidos fortes laços de solidariedade, colaboração, mutualismo e união entre os membros de uma irmandade. Laços que os conduzem às práticas voluntárias direcionadas à coletividade.

Apesar do uso da ayahuasca no CHIED alagoano acontecer, esporadicamente, fora dos contextos de uma sessão comum, ele não se dá fora do espaço sagrado ou numa atmosfera hedônica. Os entrevistados afirmam que a sacralidade da bebida não é dissolvida

em tais contextos nos quais se toma a infusão para meditação e aprendizado no intuito de desenvolver aptidões em prol da sustentabilidade das práticas religiosas deste centro de harmonização interior. As propriedades místicas da bebida enteógena ayahuasca são interpretadas como manifestações divinas e, como em todo enteógeno, sua ingestão também permite que essa potência sobrenatural seja transferida e vivenciada pelos sujeitos naturais que, em suas concepções, acreditam que o chá é uma das ferramentas utilizadas para o alcance da iluminação espiritual. A ruptura entre o natural e o sobrenatural parece se estreitar quando a sacralidade é vivenciada ritualmente pelo adepto nos estados do êxtase.

O chá, para essas pessoas, é um mecanismo que faz com que o Deus interior desperte, prolifere, expanda, amplie e supere as capacidades humanas e materiais. Nos momentos da burracheira, esse Deus desperto transmite aos aparelhos mortais algumas informações por meio de imagens, sons, sentimentos e pensamentos. Depois dos rituais esse Deus interno volta a dormir, mas os

ensinamentos apreendidos quando ele estava acordado não abandonam o sujeito em seu cotidiano, que pode e deve pôr em prática tudo o que aprendeu com essas realidades.

Tal experiência possui algumas exigências, que asseguram o controle social da substância psicoativa conduzindo e norteando os efeitos das mesmas (Zinberg, 1984; MacRae, 2004 e Lira, 2009). Isso faz com que a ayahuasca não se transforme numa droga de curtição, mesmo porque os indesejáveis e desconfortáveis efeitos purgativos promovidos pela bebida, a necessidade do isolamento e da meditação exigidos pela experiência, a dificuldade do plantio dos vegetais e o preparo desse enteógeno são, por si só, preços muito altos a ser pagos por àqueles indivíduos que almejam encontrar nesse chá uma experiência de simples barato.

Segundo os ayahuasqueiros do CHIED a verdadeira essência da experiência com o Vegetal só pode ser atingida quando administrada numa atmosfera ritual, na qual os efeitos podem ser controlados e direcionados para uma finalidade específica.

Seja numa sessão de escala ou nos ensaios de hinários e mutirões voluntários para feitos ou construções na nova sede, o uso da ayahuasca permanece direcionado à reflexão e meditação dos adeptos, que aprimoram suas aptidões em prol da manutenção dos trabalhos espirituais no Alto da Paz alagoano.

Referências

BOMFIM, Juarez D. **O Jardim de Belas Flores. O Hinário O Cruzeiro Universal do Mestre Raimundo Irineu Serra comentado por Juarez Duarte Bomfim.**

Livro virtual. Centro de Iluminação Cristã Luz Universal de Minas Gerais (CICLUMIG), 2006. Disponível em <http://www.mestreirineu.org/liberdade>. Acesso em 18 jun. 2008.

BRICHAL, Fernando. **Nova era: uma manifestação de fé da contemporaneidade.** In: Horizonte; revista de estudos de teologia e ciências da religião Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, v. 5, n.9: Editora PUC Minas, 2006.

CAMPOS, Eline de O; LEMOS, Niedja de B. **A Dança Circular Sagrada como Elemento de Ligação com o Divino.** UFPB: CCHLA VIII Conhecimento em Debate, 2008. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/conhecimentoemdebate/ar>

quivos/314-18092008140932-ARTIGO-Dancas_Circulares_Sagrada.pdf. Acesso em 03 dez. 2008.

CAMURÇA, Marcelo A. **O espírito da Nova Era: interperação ao cristianismo histórico.** In: Atualidade em Debate, caderno 43, Rio de Janeiro: Centro João XXIII-IBRADES, 1996.

CEMIN, Arneide B. **Os Rituais do Santo Daime: Sistemas de Montagens Simbólicas.** In: O Uso Ritual da Ayahuasca; Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo (orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

COUTO, Fernando L. **Santo Daime: rito da ordem.** In: O Uso Ritual da Ayahuasca, Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo (orgs.). São Paulo: Mercado das Letras Editora Ltda, 2002.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DROUOT, Patrick. **O físico, o xamã e o místico.** Rio de Janeiro: Record- Nova Era, 1999.

FARO, Antônio J. **Pequena História da Dança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

FROÉS, Vera; ROCHA, Antonio. **Plantas mágicas: visão espiritual.** In: Alquimia Vegetal, Vera Froés e Antônio Rocha (orgs.). Nova Era: Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <http://www.aguiadourada.com/pdf/plantas.pdf>. Acesso em 14 de out. 2008.

GOULART, Sandra. L. **Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da floresta: ecletismo e práxis xamânica daimista no “Céu do Mapiá”.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991

LABATE, Beatriz C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos.** Campinas SP: Mercado das Letras, 2004.

LABATE, Beatriz C.; GOULART, Sandra L.; CARNEIRO, Henrique. **Introdução.** In: O Uso Ritual das Plantas de Poder, Beatriz Caiuby Labate e Sandra Lúcia Goulart (orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

LEACH, Edmund. **Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LIMA, Emmanuel G. **O uso ritual da Ayahuasca, da Floresta Amazônica aos centros urbanos.** Monografia de conclusão do curso de Geografia, Universidade de Brasília. Brasília, 2004.

LIRA, Wagner L. **Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina.** Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

LUNA, Luis E. **Vegetalismo: shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon.** Estocolmo: Almqvist and Wiksell Internacional, 1986.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

MACRAE, Edward. **O uso ritual de substâncias psicoativas na religião do Santo Daime como exemplo de redução de danos.** Brasília: Texto apresentado para a Câmara de Assessoramento Técnico-Científico do Conselho Nacional Antidrogas (CONAD), 2004.

MONTEIRO DA SILVA, Clodomir. **O palácio de Juramidam - Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição.** Dissertação de

mestrado em Antropologia Cultural, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1983.

PACHECO, Gustavo. **Os hinos são as correntes: notas para um estudo antropológico da música do Santo Daime.** Texto apresentado para disciplina Antropologia da Religião, PPGAS, UFRJ: Museu Nacional, 1999.

REHEN, Lucas. **Os hinos são presentes: algumas considerações sobre a oferta de cânticos no Santo Daime.** São Paulo: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos – Neip, 2007. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/lucas/texto%20NEIP.pdf>. Acesso em 07 de ago. 2008.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. **Amazonian Cosmos. The sexual and religious symbolism of the Tukano Indians.** Chicago: University of Chicago Press, 1968.

RICCIARDI, Gabriela. S. **O Uso da Ayahuasca e a Experiência de Transformação, Alívio e Cura, na União do Vegetal (UDV).** Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

ZINBERG, Norman. **Drug, set and setting.** New Haven: Yale University Press, 1984.

ABSTRACT: In the present article we will accomplish emerging spiritual phenomena on ayahuasca sessions at Centro de Harmonização Interior Essência Divina, a ayahuasqueira fraternity located at Riacho Doce district in the state of Alagoas, Brazil. This specific center known as Alto da Paz - Chã do Cruzeiro is a representative from the Unification Line, established by Francisco Sousa de Almeida uniting *daimistas* and *udevistas* symbolic elements at the same mythical and ritual processes. We will see the interaction of these and others symbolic systems on work of this fraternity from descriptive analysis of rites and interpretation of adepts related to common phenomena from ritual use of the xamanic psychoactive beverage, which in our particular case, is managed following the Unification Line principles. **Keywords:** Ayahuasca, Tea, Spirituality, Unification Line, Essência Divina.

